

MARIA GEIZIMAR ARRAES DOS SANTOS

**A EDUCAÇÃO FORMAL EM ARTES VISUAIS ARTICULADA COM A
EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL POR MEIO DE VISITAS AOS MUSEUS DO
DISTRITO FEDERAL**

Brasília, 2013

Sumário

Tópicos:

Introdução.....	7
1.A relevância da educação em museus.....	10
2. O conceito de educação formal e não formal no contexto do ensino de Artes Visuais.....	11
3. Os museus do Distrito Federal e a visitação para uso pedagógico.....	12
4. A importância da mediação do professor de artes visuais.....	22
5. O papel do professor de artes visuais no trabalho articulado entre escola e museu.....	24
6. Considerações finais.....	26
7. Referências.....	27

Imagem 1 (exposição permanente: Lona, poeira e concreto).....	17
Imagem 2 (instalações arquitetônicas do museu).....	17
Imagem 3 (produção vaso de cerâmica).....	18
Imagem 4 (folha) pintada com pigmentos à base de argila e corantes.....	19
Imagem 5 (Igreja Matriz) pintura em cerâmica.....	19
Imagem 6 (Vaso em cerâmica com flores de pinheiro).....	20
Imagem 7 (Máscara em cerâmica com flores de pinheiro).....	20
Imagem 8 (Máscara de Bumba-meu- Boi: cerâmica e fitas).....	20
Imagem 9 (Coruja) Pintura em cerâmica.....	21

Introdução

A motivação para o tema proposto na presente pesquisa deu-se a partir de alguns cursos que fiz durante a graduação. Um deles foi o Curso de Formação de Arte/educadores em Espaços culturais de Brasília, oferecido pela FUNARTE em 2010, e da realização do meu estágio supervisionado obrigatório no Museu Vivo da Memória Candanga, quando tive a oportunidade de vivenciar uma educação voltada tanto à preservação da memória dos migrantes que vieram construir a nova capital, quanto para a preservação do patrimônio arquitetônico. Todas essas experiências me despertaram o interesse sobre esse intercâmbio entre ensino formal e não formal em artes visuais.

No presente trabalho de conclusão de curso, pretende-se investigar o seguinte problema: Qual o papel do professor na articulação entre ensino de artes visuais escolar com os museus?

No Distrito Federal, podemos ter acesso a museus e a hipótese do trabalho está na idéia de que com o contato frequente a esses acervos temporários, professores e estudantes poderiam contextualizar as aulas de artes visuais nas diversas linguagens por meio de visitas pedagógicas e, ao visitarem constantemente os museus com fins de aprendizagem poderiam ampliar seu conhecimento sobre arte. Dessa forma o professor de arte estaria cumprindo o seu papel social de educar os estudantes para ver, interpretar imagens e obras de arte.

Sabe-se que na contemporaneidade, conforme nos ensina Henriques (2006, p.25): “busca-se construir um entendimento de que a escolarização em si não assegura a aprendizagem, e de que o nosso maior desafio é para além da democratização do acesso, conseguir garantir instrumentos de aprendizagem efetiva”.

Depreende-se da fala de Henriques, que há a necessidade de se buscar alternativas para se conseguir esses instrumentos. Nesse sentido, pesquisaremos sobre as propostas dos programas educativos de alguns museus da cidade, por entender que essas ações são de grande relevância para o aprendizado em artes visuais.

O Distrito Federal possui sessenta e um museus. São museus de diversas tipologias. Na pesquisa, o foco será os museus de artes visuais, que aqui, possuem uma especificidade,

são galerias reconhecidas nacional e internacionalmente como o Centro Cultural do Banco do Brasil, A Caixa Cultural, o Espaço Cultural Contemporâneo (ECCO) que expõem acervos temporários e que por este motivo, seus programas educativos são elaborados de acordo com a exposição. Incluímos também na pesquisa, o Museu Vivo da Memória Candanga, pela importância que representa para o conhecimento da História do cotidiano dos candangos durante a construção de Brasília, na preservação da memória e na preservação do patrimônio arquitetônico.

O papel social dos museus na contemporaneidade é de grande importância para a educação e desenvolvimento de uma sociedade. Nesse sentido, são implementadas no Brasil algumas políticas públicas:

Os museus deverão promover ações educativas, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação. (Lei nº 11.904, De 14/01/2009).

Percebe-se que os museus vêm ganhando outro formato, como produtores de conhecimento de grande importância, com função social de transformação da sociedade facilitando o acesso aos bens culturais e tendo como foco principal a ação educativa. Nesse sentido, seria importante o professor transpor os muros escolares buscando dar novos significados às aulas de artes visuais, assim como por meio das visitas aos museus, empreender formas alternativas para contextualizá-las.

Essa atitude, poderia tornar possível o conhecimento com qualidade por meio da arte. Conhecimento que por muito tempo foi e ainda é negado ao público escolar, que aprendia arte por meio apenas do livro didático ou da produção, que muitas vezes era descontextualizada.

Sabemos que a produção descontextualizada, não favorece uma educação crítica de compreensão da realidade em que o estudante está inserido. Como forma de contextualizar o ensino de arte, Ana Mae Barbosa, refere-se aos museus como verdadeiros laboratórios de artes visuais, para ela, possibilitar esse contato com os museus, amplia o repertório visual e proporciona: “uma experiência estética que torne os estudantes aptos para entender o mundo visual que os cerca, isto é, a imagem definidora da condição pós-moderna contemporânea”. (BARBOSA, 2000, p.8)

Portanto, possibilitar o contato com estes laboratórios é necessário, pois vivemos na era das visualidades e não se pode mais negligenciar a contribuição dos museus como local de

aprendizagem em favor apenas de aulas formais exclusivamente dentro das instituições escolares.

O trabalho se estrutura em seis tópicos. No tópico 1, falaremos um pouco da relevância da educação em museus para o aprendizado em artes visuais na contemporaneidade. No tópico 2, veremos o conceito de educação formal e não formal no contexto do ensino de artes visuais e a necessidade de privilegiar as duas formas de educação como complementares. No tópico 3, falaremos sobre os museus do Distrito Federal e visitação para uso pedagógico, veremos um pouco da proposta pedagógica de cada museu escolhido para a pesquisa. Já no tópico 4, falaremos sobre a importância da mediação do professor de artes visuais considerado como mediador cultural. No tópico 5, veremos o papel do professor de artes visuais no trabalho articulado entre escola e museu como alternativa para capacitar o aluno a ler e interpretar imagens de todos os tempos, por meio de várias exposições temporárias que são expostas na cidade pelos museus escolhidos. No tópico 6, tecemos nossas conclusões sobre o tema pesquisado, ressaltando que no Distrito Federal possuímos aproximadamente sessenta e um museus, que podem constituir campo fértil para o aprendizado em artes visuais e que o professor pode ser esse interlocutor, esse mediador tão importante para aulas de artes que promovam acima de tudo conhecimento significativo para os alunos.

1. A relevância da educação em museus

Na atualidade, os museus vêm inovando ao adequarem-se para receber novos públicos, dentre estes, destacamos o público escolar que recebe atenção especial com ações educativas exclusivamente destinadas às escolas. Aprender por meio do estudo das obras originais expostas nos museus, desperta no aluno o interesse pela arte, estimula seus sentidos, enriquece sua experiência estética. Conforme nos explica a professora Susete Venturelli:

A apreciação das obras de arte por meio de visitas a museus e galerias, tornou-se um componente requisitado no ensino de arte atual. Esse contato com a arte e os bens culturais é importante porque permite o desenvolvimento do senso estético e crítico do aluno, como também sua capacidade comunicativa. (VENTURELLI, 2005, p.17)

De acordo com as palavras de Venturelli, entendemos que as visitas pedagógicas aos museus, contribuem com o desenvolvimento integral dos alunos, quando tornam possíveis não só o acesso aos bens culturais, mas a apropriação dos códigos para decodificação dos significados das obras originais, produtos do trabalho de artistas de diferentes épocas e culturas.

O acesso ao acervo museológico com finalidade educativa é uma atividade recente, e atualmente. Sabe-se que historicamente a instituição museu destacava-se como lugar de perpetuação dos discursos das elites. Porém, esse entendimento paulatinamente vem se modificando e atualmente, segundo Myrian Sepúlveda dos Santos, (2004) “é notório o sucesso dos museus junto ao público e crescente o número de análises que o consideram um espaço dinâmico e criador de narrativas culturais múltiplas capazes de atender a um público diferenciado”. (McDONALD, 1996, apud SANTOS, 2004,p.1).

Essa nova característica do museu é considerada de fundamental importância tanto em termos de inclusão social, exercício da cidadania e forma de conhecimento, como possibilidade de formação do público escolar para apropriação desses bens culturais a fim de: “apreender o significado do que está sendo exposto no museu, por meio de técnicas que viabilizem o acesso às informações”. (GABRIELE, 2012, p.24)

Depreende-se da fala da autora, que a ação educativa pode potencializar o aprendizado por meio dessas mediações interativas que animam e dão um novo significado ao aprendizado

em artes visuais, que deixam o marasmo das aulas descontextualizadas por aulas em laboratórios de artes.

No Brasil, de acordo com Ana mãe Barbosa (2009), a partir da década de 1990, surgem diversas discussões sobre o que os museus podem fazer pela educação. Também, é fato que há uma procura maior pela ação educativa do museu pelos professores nesse período. Barbosa (2009), se refere a essas discussões, principalmente sobre a importância de capacitar as pessoas para a leitura de imagens. Disseminando a Abordagem Triangular que segundo ela, surge a partir da insatisfação de se ver o penoso trabalho que tinha uma pessoa, que apesar de ter estudado arte durante toda sua vida escolar, não se sentia capacitado para entrar em um museu, não se sentia capaz de entender e usufruir a arte.

Barbosa (2009, p.17) nos diz ainda que:

À medida que a abordagem triangular foi sendo difundida e, posteriormente, quando seus princípios foram integrados, como agenda escondida, aos Parâmetros Curriculares determinados pelo MEC (1996/1997), a procura dos professores por cursos e visitas a museus foi intensificada.

De acordo com esse entendimento, percebemos que a arte como conhecimento é uma ideia que causa impactos na forma de ensinar, que requer do professor um desdobramento maior tanto em termos de conhecer as obras de artes, como também saber do circuito cultural de sua cidade. Precisa realizar cursos de capacitação para atender essa nova demanda que é a visita aos museus com finalidade pedagógica. Nesse sentido, cabe ao professor ser consciente da importância dos museus para construir esse aprendizado. Por meio de suas ações educativas, os museus são muito importantes e atualmente colaboram com as discussões em torno do ensino de artes visuais. Inclusive com cursos de capacitação. O que nos faz refletir sobre a importância dessa articulação entre escola e museu, dado o potencial que esses espaços têm de proporcionar uma educação em artes visuais que seja transformadora.

Talvez, isso tenha acontecido pelas novas orientações trazidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais que destacam a arte como disciplina importante para que os alunos adquiram os conhecimentos necessários ao seu desenvolvimento pleno para atuarem na sociedade como cidadãos conscientes.

Essa nova abordagem dos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1997, para o ensino de artes visuais, preconiza a adoção da Abordagem Triangular que consiste em ler a obra, contextualizar e fazer arte. Com essas novas orientações, os professores passam a valorizar tanto o saber escolar como contato com o museu que se justifica por ser um local privilegiado para se praticar a leitura de obras de arte, para se ter acesso aos bens culturais da humanidade, e pelo seu grande potencial para a educação em arte em todas as linguagens. Dessa forma, os museus, no campo da educação não formal, podem se articular com a educação formal e ambas com propostas educativas sistematizadas promover juntas uma educação em artes de qualidade.

Já para o autor Alberto Manguel, é importante o exercício da leitura da obra de arte sem estar preso a uma abordagem ou um método específico. Em um de seus depoimentos, ele nos diz: “Assim como adoro ler palavras, adoro ler imagens, e me agrada descobrir as histórias explícita ou secretamente entrelaçadas em todos os tipos de obras de arte - sem contudo, ter de recorrer a vocabulários arcanos” (MANGUEL, 2001 apud AZAMBUJA, 2007, p.7)

Entende-se pelas palavras de Manguel que independente da abordagem ou da metodologia, é importante a leitura de obras de arte. E que o professor não precisa ficar refém de um só método ou abordagem de leitura. Está presente nos museus de artes visuais um riquíssimo acervo que foi reunido ao longo da história da arte, acervo este que constitui importante fonte de conhecimento sobre a humanidade. Portanto, os professores precisam ter essas instituições culturais como aliadas. Sabemos que museus são locais privilegiados para a divulgação do conhecimento histórico e estético por meio das obras de arte. Mariuzzo (2011, p.9) ressalta que o levantamento “Museus em números mostra que a quantidade de museus já ultrapassa a de teatros e salas de cinema”.

De acordo com Mariuzzo (2011) tal estatística reforça que está acontecendo uma explosão de museus na contemporaneidade e que a tendência é a democratização desses espaços culturais que tendem a ser apropriados por novos públicos. É importante nesse contexto essa aproximação dos estudantes com o museu tanto do ponto de vista do acesso e de inclusão social, quanto em termos de conhecimento por meio das obras de arte.

A importância da democratização dos museus e a ideia crescente de uso pedagógico impacta em uma nova postura do professor de artes visuais que passa a ser um parceiro para a formação do público escolar. Ele precisa se envolver, estudar sobre a ideia do professor de artes visuais também como mediador. Seu papel é muito importante para essas mudanças no

campo da arte/educação. Sobre essa apropriação, o Instituto Brasileiro de Museus, reforçam que:

O brasileiro precisa de museus que sejam verdadeiramente seus, capazes de relacionar uma nação consigo própria, cada pessoa com ela mesma, nosso passado e nosso futuro, para que esses espaços sejam de fato do Brasil, apropriados por todos os brasileiros.(IBRAM, 2011, p. 9)

Então, de acordo com a afirmação acima, o sentimento de pertencimento só pode ser adquirido a partir do momento em que se tem acesso constante a esses espaços. E que essa apropriação seja pedagógica com fins de aprendizagem em artes. Sabemos que a educação por meio da arte, torna-se possível não só o acesso, mas a apropriação dos códigos para decodificação dos significados das obras e objetos, produtos do trabalho de artistas de todas as épocas e culturas. Conforme já acordado por muitos autores como Perassi (2005, p.8) “A arte é campo privilegiado de expressão”.

Então, entende-se que as artes visuais por meio de linguagens diferentes da escrita, como a pintura, a escultura, a gravura e hoje em dia as obras produzidas com diversas tecnologias computacionais, podem ser lidas, pois transmitem conhecimentos do pensamento de um artista e de uma época e que contribuem para a compreensão histórica do passado e do mundo em que vivemos.

Nesse sentido, o acesso ao acervo museológico com finalidade educativa é considerado como de fundamental importância por ser o local onde o aluno vê as obras de todas as épocas e movimentos artísticos. A ação educativa do museu auxilia os alunos a se apropriarem do conhecimento artístico. A ação educativa é tão importante para as artes visuais na atualidade, que chega a ser considerada pela Declaração de Santiago¹ como sendo o maior potencial de um museu, destacando o seu caráter educativo.

Historicamente, os museus deixaram de ser apenas locais destinados apenas a guardar peças classificadas como belas artes para mera apreciação e deleite das elites que precisavam se reafirmar como pertencentes a esse universo e que portanto, dominavam tais códigos.

2. Conceito de educação formal e não formal no contexto do ensino de artes visuais

¹ Declaração de Santiago foi um importante evento que aconteceu em Santiago no Chile em 1972. Nessa mesa Redonda, aconteceram discussões acerca no novo papel dos museus na atualidade. Os museus passam então a desempenhar um papel decisivo na educação.

(Revista Museu) < http://www.revistamuseu.com.br/legislacao/museologia/ Mesa_chile.htm >

A educação formal é considerada assim por seguir um currículo norteador, por ser realizada dentro de uma instituição escolar, enquanto que a educação não formal é fundamentada como prática escolar extra- classe, desenvolvendo atividades fora do contexto escolar. Importante ressaltar que a educação não formal enquadra-se entre as instituições educacionais destinadas à complementação da educação formal escolar, que passa e ser valorizada nas décadas de 1930 e 1940 como projeto educativo em expansão no Brasil.

No contexto dos museus como projeto de educação não formal, temos ações educativas caracterizadas por proporcionar a vivência de novas experiências nas artes visuais que ajudarão a consolidar o conhecimento dinâmico, interativo em que aquela passividade do estudante poderá transformar-se em criatividade, tornando o aluno um co-responsável na tarefa de aprender artes. Nesse sentido, os museus contribuem efetivamente para o aprendizado em artes visuais. Como educação não formal, essa ação educativa pode ser uma prática complementar às atividades escolares, dialogando entre si.

Sobre a educação não formal, Gutemberg de Castro Praxedes (2009) nos diz:

A prática educativa em espaços não formais é um recurso catalisador de motivação e interesse, tanto por alunos como por professores. O crescimento dos espaços não formais coincide com mudanças recentes no mundo nos campos social, político, econômico e cultural. Como uma das conseqüências dessas mudanças, temos o crescimento de outras instâncias difusoras de conhecimento quebrando assim a hegemonia da escola. (PRAXEDES, 2009, p.7)

De acordo com a fala do autor, uma prática educativa que privilegie as duas formas de educação ao mesmo tempo, poderá potencializar o aprendizado, tendo em vista que o ensino não acontece somente restrito aos muros escolares. Pois o processo educativo em artes visuais ocorre também em instituições não formais de ensino com atividades extra-curriculares. No caso dos museus, eles oferecem programas educativos que vem ganhando destaque, fato que requer profissionais capacitados para abraçar a questão. Para destacar algumas políticas públicas, citamos a criação recente de uma graduação em museologia na Universidade de Brasília, bem como a oferta de licenciaturas em artes visuais com os programas PROLICEN/UAB para formar tanto professores já atuantes como também novos profissionais. Sabemos que foi uma grande luta conseguir estabelecer as artes visuais como disciplina e que precisamos encontrar meios para melhorar nossas aulas. Atitude que só acontecerá com muito empenho, vontade e coragem para novas práticas. O professor consegue fazer essa articulação entre as duas formas de educação efetiva, quando valoriza os dois espaços como formas de aprendizado indispensáveis ao conhecimento em artes.

3. Os museus do Distrito Federal e a visitação para uso pedagógico

O panorama dos museus do Distrito Federal é diversificado. Para entendermos melhor, faz-se necessário diferenciarmos museus de galerias de arte, isso porque, apesar do Guia dos Museus Brasileiros (2011) denominar tudo como museu, há uma diferença entre essas instituições: Museu, termo que se originou na Grécia, no templo das musas, constitui-se como instituições destinadas a guardar e expor obras de artes e objetos artísticos historicamente pertencentes ao patrimônio de uma classe privilegiada, por muito tempo na história, permaneceu como espaços pouco democráticos. Já as galerias de artes, também se destacam por serem ainda espaços elitizados. Porém, são instituições destinadas á exposições de obras de artes geralmente com fins comerciais. Temos no Distrito Federal, museus com variadas tipologias de acervo: história; ciência e tecnologia; imagem e som; ciências naturais; história natural; antropologia e etnografia; virtual; e de artes visuais. O acesso a essa diversidade de acervos e das mais diversas manifestações culturais de diferentes tempos encontradas nesses locais, é importante para um processo de ensino-aprendizagem mais contextualizado em todas as disciplinas do currículo, pois, se bem articulados, eles podem contribuir segundo as ideias de Ausubel², para uma aprendizagem mais significativa.

É o estudo de artes pela prática em laboratórios que no caso, seriam os museus de artes visuais, justificam a saída da sala de aula, pois os estudantes precisam desse contato com as obras originais. Esses museus e espaços culturais oferecem condições para o contato do aluno com as obras de artes originais, portanto, é importante que os estudantes da educação básica visitem estes espaços constantemente a fim de obter conhecimento, desenvolver a percepção, a sensibilidade estética, estimular associações e interpretações, adquirir capacidade de ler e interpretar estas obras de artes e que possam interagir com elas.

Conforme nos diz Barbosa (2009, p. 21), “por meio da arte é possível a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira de maneira a mudar a realidade que foi analisada”.

² Aprendizagem significativa na teoria de Ausubel, é o processo pelo qual uma nova informação se relaciona com um aspecto relevante de conhecimento do indivíduo e é por ele elaborado.” (MASINI, 1993, p.26). Uma aprendizagem que faça sentido para os estudantes.

Como exposto acima, é grande a diversidade de museus no Distrito Federal, porém, no presente trabalho nos focaremos em alguns museus de Artes Visuais, mais especificamente aos Centros Culturais que oferecem educativos para o público escolar, que são: Centro Cultural do Banco do Brasil, Caixa Cultural e Espaço Cultural Contemporâneo ECCO, além,

do Museu Vivo da Memória Candanga, pela importância que este museu representa para todos os candangos na preservação da memória e do patrimônio. É importante que conheçamos um pouco um pouco da proposta pedagógica de cada um desses museus.

3.1 CCBB Centro Cultural do Banco do Brasil

O CCBB é um estabelecimento público, possui uma intensa atividade cultural, como: palestras com artistas, bosque literário, exposições, cinema, teatro, shows. Conta com acervos temporários e possui ação educativa destinada ao público escolar, dispõe de transporte gratuito.

A proposta pedagógica do programa educativo artes visuais do Centro Cultural do Banco do Brasil vem sendo executada no Distrito Federal desde 2002 e o trabalho é orientado por:

Uma matriz construtivista crítica e toma como base de sua atuação, a Proposta Triangular sugerida por Ana Mae Barbosa, que contempla três ações estruturais: apreciação, contextualização e produção. Articula-se com essas ações, estudos desenvolvidos por educadores de museus, que propiciam diferentes camadas de leitura dos objetos culturais expostos. Associamos a esse exercício de aprofundamento à reflexão em torno das manifestações culturais não musealizáveis, com as quais os visitantes estão mais familiarizados. O projeto pedagógico para a ação educativa, pela Palavra Chave Arte e Cultura, desenvolve-se a partir das pesquisas que identificam as práticas educacionais dentro de espaços culturais como exercício de cidadania, com a disponibilização de instrumentos de apropriação, por parte do visitante, dos elementos formadores do patrimônio cultural compartilhado (blog institucional o CCBB e o professor).

Por meio do programa educativo, o CCBB realiza visitas mediadas e atividades relacionadas às exposições a diversos públicos. É conveniente que os alunos tenham o contato com o espaço e acesse as importantes exposições temporárias que passam por lá, para a prática da leitura das obras de arte que estão expostas e que se constitui na produção artística clássica, moderna ou contemporânea da cultura e que os alunos busquem por meio desta proposta potencializar o aprendizado sobre arte.

Ainda sobre o trabalho educativo deste espaço cultural, Barbosa, (2009), afirma:

A pedagogia questionadora de muitas exposições do Centro Cultural do Banco do Brasil [...] é uma das melhores formas de mediação. Em vez de visita guiada, com informações fornecidas pelos mediadores, são propostas questões que exigem reflexão, análise e interpretação sem se evitar informações que esclarecem e/ou apoiam interpretações.(BARBOSA, 2009, p.18)

Portanto, esse centro cultural apresenta-se como de fundamental importância para professores e estudantes na construção do conhecimento por meio das artes visuais. Por trazer para o Distrito Federal importantes acervos nacionais e internacionais da história da arte. Inserir essas visitas como prática pedagógica, é proporcionar o contato com a cultura e com obras de arte renomadas de todos os tempos. É promover uma educação cidadã, democrática, prazerosa, questionadora, interativa, uma forma lúdica de aprender. Vale ressaltar que o edifício do CCBB, também compõe o acervo. O prédio é de arquitetura moderna, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e se difere da arquitetura dos outros edifícios do CCBB de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais que é caracterizada como estilo neoclássico.

3.2 Caixa Cultural Brasília

O centro cultural da Caixa fica situado na Setor Bancário Sul,/DF a Tipologia de acervo : Artes Visuais , História; natureza: Público Federal.

O Projeto Gente Arteira oferece oficinas para formação artística e cultural de diferentes públicos, valorizando sempre a reflexão, criação, prática e contextualização da arte. Com o público escolar, relaciona o tema das exposições visitadas ou dos eventos assistidos pelos alunos com a oficina, observadas as suas especificidades. O projeto acolhe grupos provindos de escolas públicas e particulares, na faixa etária de seis a dezoito anos. A cada exposição apresentada na Caixa Cultural, procura-se fazer uma interface com a oficina.

3.3 ECCO Centro Cultural Contemporâneo

Fica situado no Shopping Iguatemi, natureza: Privado empresa; tipologia de acervo Antropologia e etnografia; artes visuais; ciências naturais e história natural; ciência e tecnologia. A instituição é administrada pela ARTE21 em parceria com ONG's e instituições diversas. Direção: Karla Osório Netto.

O Espaço ECCO possui método inovador e interativo unindo cultura e tecnologia, estimula a investigação da arte contemporânea em diálogo com temas do cotidiano escolar. De acordo com o BANCO CULTURAL (2010, p.1), trata-se de um espaço dinâmico e plural com diversas atividades culturais e educativas como: exposições, eventos, oficinas educativas, debates, espetáculos teatrais, promove cursos para educadores, professores e estudantes. O objetivo é a promoção de um intercâmbio cultural e de apresentar a arte a partir de um exercício interdisciplinar.

O Espaço Contemporâneo ECCO realiza o tradicional Encontro Técnico que é oferecido pela instituição e destinado a educadores, reconhecido como curso de extensão da Universidade de Brasília. Além de promover palestras com artistas e curadores, distribuir material impresso que pode servir de suporte para professores e alunos desenvolverem em sala de aula, discussões e exercícios que incentivem a aprendizagem por meio da arte.

Dentre alguns aspectos desta onda de renovação epistemológica na museologia, destacamos: a investigação social enquanto identificação de problemas e soluções possíveis; objeto de desenvolvimento comunitário, o museu para além dos edifícios-inserção na sociedade; interdisciplinaridade; a noção de público dando lugar a de colaborador; a exposição como espaço de formação permanente ao invés de lugar de contemplação.(CÂNDIDO, 2003 apud GOMES 2009, p. 403)

Enfatizando seu conceito e formação de público, com ações que geram inclusão por meio da arte. A ação educativa do Espaço ECCO tem um diferencial único no Brasil, sendo formatado com conteúdo denso e continuado, preparado para cada exposição, sempre com base nos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais).

Desta forma, as obras de arte contemporânea expostas no ECCO, podem ser analisadas conforme explica (TESCH; VERGARA, 2012, p.11) “ segundo as experiências realizadas e vivenciadas pelos alunos, tornando o conhecimento muito mais prazeroso. Com ênfase no processo e não no resultado, articulando o questionamento, a investigação, as descobertas e a continuidade”.

É importante ressaltar a influência e a importância da arte contemporânea ser ensinada na escola, pois de acordo com (TESCH; VERGARA,2012, p.11) pelo fato de que “ela está acontecendo agora, fala e discursa sobre nosso cotidiano, nossa vida, sobre as distintas culturas e seus conflitos e teoricamente, se tornaria mais acessível para a discussão entre os alunos, que de certa forma, perceberiam a arte mais próxima de suas vidas e, conseqüentemente, mais significativa”.

3.4 Museu Vivo da Memória Candanga

O Conjunto arquitetônico foi construído em 1956, para sediar o primeiro hospital do Distrito Federal, o Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira (HJKO). Está situado na Região Administrativa do Núcleo Bandeirante. Tipologia: história, imagem e som. Natureza administrativa: público Distrital

O Museu, de acordo com a Secretaria de Cultura do Distrito Federal (site institucional) é composto pelas edificações arquitetônicas, alameda de casas de madeira identificadas por cores, bosque, restaurante, salas para oficinas, biblioteca, auditório, salas para exposições, peças, objetos, ambientações e fotos que contam a história dos candangos durante a construção da nova capital, distribuídas pela exposição permanente : Poeira, Lona e Concreto, que permite ao visitante tanto se reconhecer quanto se identificar com este local.

A professora Maria Célia Filgueiras Lima Gabriele fala sobre a:

Convicção de que a comunicação da arquitetura com base na história, pode contribuir para a construção de um olhar mais comprometido com o patrimônio constituído fortalecendo a relação de pertencimento do lugar. As histórias da edificação, do bairro e da cidade podem desvelar informações aos visitantes a partir deste potencial acervo museológico, que é a arquitetura do imóvel.(GABRIELE, 2010, p. 3)

De acordo com as palavras de Gabriele, este museu representa não só a memória dos candangos pioneiros que construíram a cidade, mas permite aos públicos vivenciar um verdadeiro exercício de cidadania que é esse sentimento de pertencimento. O conhecimento da história construída dentro do museu e no seu entorno, nos permite conhecermos o passado e o presente da nossa história.

É importante a interação do público escolar com a arquitetura do museu para esse entendimento. Perceber a organização do espaço, perceber a estrutura das instalações que foram edificadas para serem provisórias para ser um hospital e não museu. Perceber o tipo de tecnologia que foi utilizada na construção e as adaptações que ocorreram para que o hospital virasse museu, entender o valor histórico do edifício, perceber como foram povoadas as cidades no entorno do museu: Núcleo Bandeirante e Candangolândia.

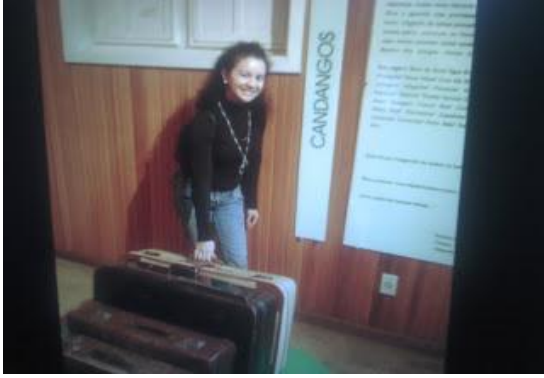


Imagem 1 (exposição permanente: Lona, poeira e concreto



Imagem 2 (instalações arquitetônicas do museu)

O Museu foi inaugurado em abril de 1990, após passar por um trabalho minucioso de restauração e adaptação para se tornar museu. É administrado pela Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal.(SCDF, site institucional)

O acervo do Museu Vivo da Memória Candanga é composto por:

O acervo do Museu é composto pelas edificações históricas, peças, objetos e fotos da época da construção da nova capital, distribuído pela exposição permanente “Poeira, Lona e Concreto”, que narra a história de Brasília desde os primórdios de sua construção até sua inauguração em 1960. São fotos de Mário Moreira Fontenelle (primeiro fotógrafo oficial de Brasília), Peter Scheir e Joaquim Paiva; ambientações do Brasília Palace Hotel e do HJKO. Fazem parte do acervo também, peças de artesanato e arte popular, integrantes da “Casa do Mestre Popular”

e da exposição “Renovação e Tradição – Novos Caminhos”.(Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal, institucional)

Importante ressaltar, que além das instalações arquitetônicas, uma das exposições que compõe o acervo do museu é a mostra Cerrado de Pau de Pedro, que está exposta na “Casa do Mestre Popular” conforme mencionado acima. As obras são do artista popular e candango Pedro de Oliveira Barros, vindo de Barra do Corda - Maranhão, mais conhecido como o Pica-pau do cerrado. Sua obra é toda produzida com galhos e sementes do cerrado e ao contrário do que ocorre nos museus de belas artes, do distanciamento entre os públicos e a obra, para que ela não seja tocada. Esta exposição está disponível ao toque para todos os visitantes, principalmente visitantes cegos.

O Museu disponibiliza semestralmente diversas oficinas que têm a missão de divulgar diversos saberes artísticos. São oficinas gratuitas de artesanato e arte popular: cerâmica, xilogravura, gravura, serigrafia, papel artesanal, tecelagem.

Das oficinas oferecidas no Museu Vivo da Memória Candanga denominadas Oficinas do saber-fazer. Particpei da oficina de cerâmica ministrada pelo artista e professor Nicodemos, tive interesse por essa linguagem para vivenciar o processo de produção das peças.



Imagem 3 (produção vaso de cerâmica)

Com a oficina, adquiri um valioso aprendizado sobre a técnica da cerâmica. A cada dia de aula me surpreendia com a minha produção e com a produção dos colegas, que por sinal tinha a participação de pessoas das mais variadas classes sociais: desde moradores do Lago Norte, Park Way, até portadores de alguma deficiência e pessoas que relatavam agora estarem complementando sua renda com a venda das peças que confeccionavam ali, que por meio de cooperativas incluíram-se como artesãs e participam de feiras culturais para expor seus

trabalhos. Durante a oficina produzi algumas peças e com elas resolvi montar uma exposição numa praça da cidade.



Imagem 4 (folha) pintada com pigmentos à base de argila e corantes.



Imagem 5 (Igreja Matriz) pintura em cerâmica



Imagem 6 (Vaso em cerâmica com flores de pinheiro)



Imagem 7 (Máscara em cerâmica com flores de pinheiro)



Imagem 8 (Máscara de Bumba-meu-Boi: cerâmica e fitas)



Imagem 9 (Coruja) Pintura em cerâmica (Maria Geizimar Arraes, 2012)

4. A importância da mediação do professor de artes visuais

A arte como área do conhecimento, requer do professor uma atuação intensa como mediador cultural. Para tanto, o professor precisa tornar-se um pesquisador para realizar a mediação com qualidade. Principalmente para intervir quando necessário, nos discursos que defendem interesses particulares ou até discursos superficiais que pouco colaboram para o aprendizado em artes. É necessário muito estudo, uma visão crítica do professor diante da complexidade e da responsabilidade que é ensinar artes por meio desses objetos que foram produzidos em diferentes sociedades, épocas e culturas. E que precisam ser compreendidos de forma contextualizada levando-se em conta esses fatores sociais e culturais.

No momento em que a arte se consolida como área de conhecimento, põe em evidência a necessidade da intervenção dos professores “tanto em sala de aula quanto em museus e espaços culturais” (PANITZ, 2011, CCBB, institucional). Portanto, o professor de artes visuais precisa se capacitar, se envolver como professor ou como mediador desse processo de ensino, dessa nova forma de aprender e ensinar artes e refletir para que as visitas do público escolar aos museus não se tornem apenas números. Números que de acordo com Barbosa, (2009, p.17), “inflam as estatísticas e ajudam a mostrar grande número de visitantes aos patrocinadores”.

Percebe-se pela fala das duas autoras, que ser um mediador cultural é um desafio para o professor de artes visuais na contemporaneidade. Sabe-se que é por meio da escola que se dá o acesso do público escolar que compõe o número maior de visitantes que chegam a esses espaços. Sabe-se também, que o comportamento dos públicos em relação à obra de arte está mudando, pois as novas demandas por uma educação emancipadora³ e a transformação do mero espectador apreciador em co-autor que interage com a arte contemporânea é necessário. Uma mediação cultural comprometida com o desenvolvimento do cidadão crítico para o consumo de imagens no mundo contemporâneo. Para isso precisa-se de uma reflexão maior em torno da complexidade para se entender uma obra de arte por meio da mediação do professor. De acordo com Panitz, (2011), a experiência do professor é relevante para orientar essa mediação com qualidade, segundo ela, “a experiência de fruição é mediada. E a mediação é feita pela linguagem. Diz respeito aos discursos que se propõe a partir e em torno da obra, como forma de aproximação. E é nessa mediação que se faz a educação do olhar.”

³ A educação emancipadora, na teoria de Paulo Freire, exprime entre outras características, a procura de procedimentos que, em todas as circunstâncias, favoreçam a formação do sentimento de autorrespeito e o desenvolvimento da autonomia entre os educandos. (Celso de Rui Beisiegel, 2010, p.69)

Assim, entende-se que esse diálogo é fundamental entre instituições, estudantes, professores e a obra de arte. Já que nas instituições escolares é arte e nos centros culturais é educação, é importante que professores e educadores de museus trabalhem em parceria. Sabe-se que a função do educador de museu na contemporaneidade é tão importante quanto a função do museu de preservar e expor as obras de arte. “Mas será que é possível provocar tamanha mudança no educador em sua prática em sala de aula? Bem, essa é a aspiração, mas sabemos que também depende de um processo individual, potencializado pelas questões conceituais” Barbosa,(2009, p.215).Conceitos que reafirmam não só esse novo papel do professor e do seu empenho individual, mas também esse novo papel do museu e da educação.

Então, a ação do professor/mediador é muito importante nessa busca por qualidade em educação especialmente nas aulas de arte, na medida em que ele vá além da produção artística apenas na escola, mas que busque se apropriar do conhecimento artístico, em contato direto com as obras que passam pela cidade por meio dessas grandes exposições. E quem sabe, por meio do seu envolvimento, potencializar o seu aprendizado e o dos estudantes para que as visitas do público escolar não continuem sendo superficiais ou que por exemplo, o passeio em si seja mais atraente que a leitura das obras ali apresentadas. Percebe-se que ainda precisamos nos empenhar para que as visitas sejam pedagógicas , que promovam de fato o aprendizado em artes e que a ação do mediador seja de provocação, de instigação e não de transmissão de conhecimento.

5. O papel do professor de artes visuais no trabalho articulado entre escola e museu

Para iniciar, refletindo sobre a ação necessária a ser desenvolvida pelo professor de artes na contemporaneidade, me apropriei dos questionamentos da mediadora cultural Valéria Peixoto de Alencar: “o que é ser educadora em uma exposição de arte? Minha formação inicial é suficiente? Que profissão é esta? Qual seu futuro?” (ALENCAR, 2008, p. 12)

Considerando o professor de artes visuais como um mediador cultural, surgem questionamentos que nos fazem repensar o papel na contemporaneidade, que vai além da transmissão de conteúdos ou ensino de técnicas. Sua atuação é fundamental nesse processo de mudança do ensinar e aprender artes. Preparar os estudantes para a leitura de obras de arte originais de forma crítica permite aos estudantes desenvolverem habilidade essencial para compreenderem as imagens, o que elas dizem, técnica em que foram produzidas. Dessa forma, o professor proporciona aos alunos o contato com as obras de todos os tempos para até compreenderem o modo de fazer arte contemporânea.

Cabe a nós buscarmos alternativas para capacitar o aluno a ler e interpretar imagens, ele precisa entender esses códigos, que o ajudarão a conviver melhor no mundo do consumo e decifrar o universo de imagens do seu cotidiano. Vivemos na era das visualidades, o contexto atual é complexo e nos faz pensar no papel do professor que precisa buscar novas propostas para tratar da questão do ensino aprendizagem em artes nas instituições escolares, ideia que atualmente, “vem sendo uma das principais preocupações dos arte/educadores brasileiros nas duas últimas décadas”. (SCHRAMM, 2001, p.20)

Essa atitude dos professores é justificada na demanda atual por uma educação transformadora, cidadã, inclusiva, de qualidade e contextualizada em que o aluno já não se encontra mais como mero receptor, mas como cidadão ativo, dinâmico, interativo, autônomo, que aprende de forma interdisciplinar e que necessita de desenvolvimento integral. O professor de artes visuais não pode fechar os olhos para esta nova realidade.

De acordo com Henriques, (2006, p.26) Podemos buscar “a possibilidade de se estabelecerem nas práticas cotidianas da sala e no contra turno fora da sala de aula, estratégias de sedução, de encanto e de mobilização de desejos que permitem o desenvolvimento de todas as potencialidades dos alunos”.

Uma dessas possibilidades consiste em conhecermos os museus que dispomos aqui na nossa cidade, observar as novas demandas dos museus por formação de público, atentar

para a facilitação do acesso. Pensamos que ao interessar-se pelo tema, o professor passa a pesquisar a se apropriar das propostas educativas dos museus, passa a ser fruidor de arte, passa a repensar e adequar sua prática, adequar seu conteúdo didático.

Conforme nos aconselha (BUORO, 2002 apud TESCH; VERGARA, 2012, p.11-12) “Cabe a nós, educadores, adotar a mesma postura inquieta de pensadores e pesquisadores permanentes, devendo para isso buscar formação contínua e investimento em novos conhecimentos, uma vez que só podemos ensinar, aquilo que efetivamente sabemos”.

O professor passa também a ter acesso às bases teóricas, conceituais e instrumentais para compreender a importância dos museus no processo educativo em artes visuais, bem como o seu uso didático e pedagógico com finalidade de promover conhecimento. Por tudo isso, constitui papel do professor se apropriar de todo o arsenal que está surgindo em torno da arte/educação e a seu favor para tornar aulas de artes muito interessantes, atraentes, e formas de grande aprendizado.

6. Considerações Finais

Para o professor, ter essa visão panorâmica dos museus da cidade é importante. Reconhecer a importância do seu papel que vai além da transmissão de conteúdos. Conhecer as propostas educativas dos museus e galerias de arte do Distrito Federal, bem como conhecer as propostas da educação não formal como uma importante contribuição para o aprendizado em artes visuais por meio de aulas nos museus, por estes lugares serem ideais para a leitura e para a produção em arte.

Fazer essa reflexão sobre o papel do professor de artes visuais e da sua contribuição como mediador cultural na contemporaneidade é necessária. Pois, se observarmos que ao longo da história da arte/educação no Brasil, o ensino de artes esteve voltado para a produção. Pensar que temos hoje os museus como espaços que estão progressivamente se adequando para receber públicos escolares. E que com a atuação efetiva do professor nesse novo cenário as aulas podem produzir conhecimento contextualizado, transformador e crítico.

A pesquisa favoreceu a reflexão sobre as práticas atuais em artes e como relacioná-las com o ensino mais contextualizado e de saber que pode ser mais rica a experiência em ensinar arte contemporânea por meio de visitação a um museu local. Percebemos com a pesquisa, que há uma complexidade em ensinar arte, e que   muito difícil, ensiná-la somente na escola e que   desejável essa parceria como forma ampliar a a o do ensino em artes.

A educa o institucionalizada nos museus   de fundamental importância para o aprendizado em artes visuais que se d  de forma complementar. A aproxima o da educa o formal e não formal pode proporcionar uma educa o em artes emancipadora na medida em que ajuda a desenvolver todas as potencialidades do estudante ampliando seu conhecimento sobre arte. Favorecendo também o aprendizado consciente, aut nomo, democrático. E que o professor ao inovar levando os alunos aos museus está contribuindo para esta educa o em artes visuais que visa munir o estudante da capacidade de compreender as visualidades do mundo contemporâneo que o cerca de forma cidadã e crítica.

Referências

ALENCAR, V.P. (O MEDIADOR CULTURAL.CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO DE EDUCADORES DE MUSEUS EXPOSIÇÕES DE ARTE) Disponível em: http://www.ia.unesp.br/Home/Pos-graduacao/Stricto-Artes/dissertacao_valeriapeixoto.pdf

Arte/educação como mediação cultural e social/ Ana Mae Barbosa e Rejane Galvão Coutinho (Orgs.).- São Paulo: Editora Unesp, 2009 - Disponível em: <http://books.google.com.br> acesso em 12/10/2013 às 18:30

AZAMBUJA,R ARTESSÁRIOS: Pequenas Línguas de Arte. 2007 disponível em: http://aaesc.udesc.br/confaeb/comunicacoes/renata_azambuja_de_oliveira.pdf acessado em 16/11/2013 às 20:00

BARBOSA, Ana Mae, Arte na educação para todos. Anais V Congresso Nacional de Arte-educação para todos; VI Festival Nacional de Arte sem Barreiras,2000. Disponível em: <http://www.arteducacao.pro.br/downloads/anaisvcong.pdf> acesso em 10/09/2013 às 12:00

BEISIEGEL, Celso de Rui, Paulo Freire/ Celso de Rui Beisiegel. - Recife: Fundação Joaquim Nabuco, editora Massangana, 2010.

Conhecendo Museus - Episódio 40: Museu Vivo da Memória Candanga . Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=96jqmEhr9GQ> acesso em 20/09/2013 às 13:00

ESPAÇO CULTURAL CONTEMPORÂNEO ECCO. Disponível em: < <http://eccobrasilia.com.br/index.php/o-corpo-na-arte-jogo-de-equivalencias-e-contrarios/> consulta em:10/11/2013 às 1300

BANCO CULTURAL. Disponível em < http://www.bancocultural.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=5535

Estatuto dos Museus, Lei nº 11.904,De 14/01/2009

GABRIELE, Maria. Cecília. F. Lima. Musealização do Patrimônio Arquitetônico: Inclusão Social, Identidade e Cidadania, Museu Vivo da Memória Candanga. Disponível em: < http://www.museologia-portugal.net/files/upload/doutoramentos/maria_cecilia_gabriele.pdf consulta em 10/10/2013 às 20:00

GABRIELE, Maria. Cecília. F. Lima. Museu vivo da Memória Candanga:a musealização do patrimônio arquitetônico. In: I ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE

PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO. Rio de Janeiro: 2010 . Disponível em: < <http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/59/59-750-1-SP.pdf> > consulta em 24/11/2013 às 14:00

GOMES. A. O. (Ação Educativa em Museus do Ceará). Cadernos Ceom – Ano 22, n.30- Políticas Públicas Memórias e Experiências. Disponível em: <HTTP://bell.unuchapeco.edu.br/revistas> acessado em 14/5/2013 às 20:00

Guia dos Museus Brasileiros, Ministério da Cultura, Brasília, 2011 http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb_centrooeste.pdf

HENRIQUES, Ricardo: (Arte e Educação Cezir Fronteiras, Enunciar Territórios). Trajetórias e Políticas para o Ensino das Artes no Brasil: Anais do XV CONFAEB. 2006

MARIUZZO, Patrícia (Cresce Número de Museus no Brasil). Cienc. 2011, vol.63,n.2, PP. 9-11. ISSN 0009-6725 http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252011000200004&script=sci_arttext

MACEDO, Juliana Gouthier, – Inventário e Partilha – 2008. 103 f., [83] Dissertação mestrado UFMG. Disponível em : <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/JSSS-7WMJCM> acesso em 14/09/2013 às 20:00

MASINI, Elcie F. Salzano(Organizadora). Psicopedagogia na escola: buscando condições a aprendizagem significativa. Masini, F. Salzano; Edna Maria Santos; Elena Etsuko Shirahige: São Paulo, 1993

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997

PRAXEDES, G.C (A Utilização de Espaços de Educação Não formal Por Professores de Biologia de Natal/ RN 2009) Dissertação de Mestrado disponível em: http://bdtd.bczm.ufrn.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3165

PANITZ Marília, Ver é Ler A Arte-educação como educação do olhar, 2011. Blog institucional O CCBB E O PROFESSOR. Disponível em: <http://ocbbeopahigroffessor.wordpress.com/programa/> acesso em 8/10/2013 às 14:00

Secretaria de Cultura do Distrito Federal

<http://www.cultura.df.gov.br/nossa-cultura/museus/museu-vivo-da-memoria-candanga.html>

SCHRAMM, Marilene de Lima Körting. As tendências pedagógicas e o ensino-aprendizagem da arte. In: PILLOTTO, Silva Sell Duarte; SCHRAMM, Marilene de Lima Körting (org). Reflexos sobre o ensino das artes – Joinville: Ed. Univille, 2001. V.1, p. 20-35

Stela Barbieri, O que acontece cada vez que você consente. Seminário Pragmatismo Poético - 22/8/ Parte 1. Trigésima Bienal de São Paulo. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=WDOi-rRnlrs> acesso em 21/11/2013 às 9:30

SILVA, E.M.A.; ARAÚJO, C. M. (A Formação de Professores Para o Ensino de Artes no Brasil: Qual o Estado do Conhecimento?) UFPE / GE-01: Educação e Arte <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/ge01-4927--int.pdf> acesso em 11/10/2013

SUSETE VENTURELLI (Org.) CATÁLOGO EXPOSIÇÃO: HUMANO-PÓS-HUMANO. 2005: Disponível em: http://www.suzeteventurelli.ida.unb.br/attachments/049_catalogoHPHpdf.pdf acesso em 14/10/2013

TESCH,J.C.; VERGARA C. (ARTE CONTEMPORÂNEA NO ESPAÇO ESCOLAR) IX ANPED SUL Seminário de pesquisa em educação da região sul <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1039/760>

VOLPATO, Edite, CULTURA, IMAGEM E EDUCAÇÃO 2003

COMUNICAÇÃO O MUNDO DA MODA: OLIVEIRA, Jussara C; PIMENTEL, Geisa Márcia; MESQUITA, Elton M. Disponível em: http://aaesc.udesc.br/confaeb/comunicacoes/jussiara_costa_oliveira.pdf acesso em 10/10/2013 às 15:00

Vídeo: Museu Vivo da Memória Candanga: Série Conhecendo Museus - <http://www.youtube.com/watch?v=96jqmEhr9GQ>

PERASSI, R.(ROTEIRO DIDÁTICO DA ARTE NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO). Campo Grande, M.S. EDUFMS,2005/LIVRORICHARDCOMPLETO.doc.pdf Disponível em: <http://www.sigmo.ufsc.br/index.php/repositorio-de-artigos/func-startdown/40/>

